

M 499

Mandete out. G

A uma leitora
distante

Sábado, 23 de Fevereiro de 1957

T E A IGREJA

RUBEM BRAGA

O CRONISTA

ALGUÉM, que muito prezô me escreve para dizer que está lendo tôdas as minhas crônicas. E agora, ao abrir a máquina para escrever, sinto que isso ~~me~~ Tenho por essa pessoa um sentimento de carinho que é alguma coisa como devoção. Saber que todo dia, quando este jornal chega à sua cidade, ela procura a minha coluna — ao mesmo tempo que me lisonjeia, me embaraça.

A gente se acostuma a escrever para o público, isto é, para todos e para ninguém. Esse público é uma confusa massa de gente que o cronista não vê, nem sente. Suas reações são contraditórias; o que uma pessoa acha lindo outra acha ridículo, o que a este parece muito sábio àquele parece muito errado e àquele outro apenas tedioso. Com o tempo, o profissional da crônica aprende — não a desprezar o público, porque é dele e para ele que vive o cronista — mas a fazer abstração dêle na hora de escrever. Não podemos nos dar ao luxo stendhaliano de escrever para dez leitores escolhidos; por mais honroso que seja para nós ouvir ocasionalmente o elogio de um alto espírito que admiramos, precisamos não esquecer que não escrevemos para ele, mas para muitos milhares de desconhecidos de todos os gostos e níveis culturais — para o leitor comum do jornal. Se queremos exercer nosso ofício com alguma dignidade, sabemos também que não devemos procurar adular esse «leitor comum», fazendo o que possivelmente iria agradar ao maior número, usando qualquer receita fácil para causar sensação, ser discutido, etc. Pelo contrário, temos de supor que esse inexistente «leitor comum» é algum sujeito mais ou menos como nós, que tem lá suas idéias e suas manias e se acostumou a respeitar as dos outros. Com o tempo vamos perdendo um pouco a cerimônia, e mandamos para o papel o que sentimos ou pensamos, respeitando apenas as conveniências impossíveis de esquecer quando se escreve em um jornal que anda em tôdas as mãos. Não — acabamos por refletir — não vale a pena forçar a natureza e falar da inflação quando estamos pensando apenas nos braços de Joana, ou escrever sobre o luar quando estamos irritados com o abuso de um chauffeur de lotação. O melhor é seguir nossa veneta e — Deus é grande! — quem quiser que nos acompanhe, quem não quiser que espere para ler outro dia alguma coisa que lhe seja doce.

Isso tudo é a teoria (ou prática) de um velho cronista em relação ao público. Mas vem uma carta — «agora recebo todo dia o seu jornal por via aérea; chega no mesmo dia» — e lá se vai a teoria, lá se vai a prática. Estou aqui escrevendo essas coisas e pensando que a única realmente importante seria poder dizer todo dia alguma coisa que a fizesse sorrir ou lhe desse uma pequena emoção boa; que fôsse como um carinho suave e casto que ela apenas entendesse, e não a perturbasse, e lhe fizesse bem; e recado de um amigo; esta mão, de leve, no seu ombro...

e que está longe,

o,
me inibe
toda semana
esta revista

do público

ou revista

uma revista

toda semana
a Mandete
toda semana
um /